

## Trabalho nº 126.

### REFLETINDO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA

*Márcia Andréia Telöken*  
[marciat@arroionet.com.br](mailto:marciat@arroionet.com.br)  
*José Cláudio Del Pino*

**Linha de trabalho:** Experiências curriculares

Neste relato descrevo ações pedagógicas desenvolvidas nas duas escolas em que trabalho, uma da Rede Municipal que envolve alunos dos anos finais do Ensino Fundamental na disciplina de Ciências, e outra da Rede Estadual com alunos do Ensino Médio, na disciplina de Biologia. Mesmo sendo ambas escolas públicas, suas realidades são diferentes. A Escola Municipal, estruturada a partir dos Ciclos de Formação, é situada em um bairro de periferia do Município de Lajeado, onde estudam alunos de classes média-baixa e baixa. Nessa escola o trabalho é realizado através de projetos, que são definidos pelos professores, quando percebem que há algo em relação à realidade do aluno que precisa ser trabalhado, explorado ou problematizado. A escola estadual, seriada, se situa no centro da cidade de Arroio do Meio e recebe alunos de várias localidades e de diferentes classes sociais. Nessa escola ainda há conteúdos pré-estabelecidos, que precisam ser trabalhados em cada série.

Neste contexto atuo como professora há seis anos. Ao longo desses anos procurei inovar, buscando alternativas didáticas para minha sala de aula com o objetivo de fazer o que fosse possível para que, de fato, acontecesse a aprendizagem dos alunos. Mesmo as escolas tendo propostas diferentes, sou uma só, com apenas uma postura, que é acreditar que o trabalho realmente válido é aquele que faz o jovem aprender para a vida, e não para decorar ou seguir listas de conteúdos. Sendo assim procuro desenvolver, estratégias de ensino diferenciadas que se alicerçam num trabalho desenvolvido a partir da realidade dos alunos, levando em conta seus interesses e dúvidas em relação ao tema em estudo, o que me exige pesquisa e atualização constante. Este trabalho se torna muito gratificante quando percebo o brilho nos olhos do aluno ao descobrir algo que é de seu interesse ou quando se vê um aluno tímido se destacar no trabalho de um grupo.

Não adoto uma metodologia única ou fixa, exploro diferentes formas de trabalho, dependendo do assunto em estudo e da aceitação ou das dificuldades dos alunos em relação a tal proposta. Ao iniciar um assunto novo, seja a partir de um projeto ou de um conteúdo pré-estabelecido, procuro fazer uma sondagem para verificar o que os alunos já sabem sobre o assunto e o que realmente querem aprender sobre o mesmo. Já nesse momento é comum que os alunos questionem: “*Se você é a professora, porque pergunta para nós? Você deve saber a resposta. Você deve saber o que vai ensinar, nós não sabemos*”, reforçando assim, que esta metodologia não é usada pela maioria dos demais professores. Em seguida, normalmente se faz necessário fazer um estudo mais amplo e teórico sobre o novo assunto, que procuro desenvolver de diferentes formas, como pela utilização em sala de aula de reportagens sobre o tema, exploração de textos em transparências que os alunos transcrevem para o caderno em forma de mapas conceituais depois de explorados oralmente, a partir de pesquisas de opinião ou sobre a abordagem desse assunto em outras épocas com pais, familiares, comunidade, a partir de leituras e debates em grupos, sempre incentivando a construção do conhecimento pelo aluno e

mediada pelo professor, enfatizando a produção escrita em sala de aula. Em seguida, trabalho com pesquisa. Geralmente em grupos, os alunos escolhem uma curiosidade, um tema sobre o assunto em estudo para pesquisar e aprofundar. A pesquisa é feita sob a minha orientação, em aula. Muitas vezes a biblioteca da escola não dispõe de bibliografia suficiente ou atualizada sobre o assunto escolhido pelos alunos. Nesse caso, trago material de casa, busco na Internet e levo para os alunos que não têm acesso a essa tecnologia. Em seguida, é feita a socialização dos resultados obtidos em aula. Também no momento de apresentar o trabalho, alguns alunos têm dificuldade em expor para os colegas, com suas palavras, o que aprenderam a partir da pesquisa. Através dessa estratégia metodológica, avalio o desempenho individual durante a pesquisa e no dia da apresentação, dispensando a entrega do trabalho escrito, que geralmente é cópia. Outra alternativa metodológica, desenvolvida recentemente numa turma da escola municipal, se constitui num trabalho multidisciplinar juntamente com a professora de português. Para encerrar um projeto “Sexualidade e Adolescência”, juntamos duas turmas paralelas da Etapa I do 3º Ciclo (que correspondem à 6ª série na escola seriada) em dois momentos diferentes. No primeiro momento (que durou uma manhã) exploramos diferentes textos que abordam os conflitos da adolescência, dentre eles “O primeiro pêlo” (Mário Donato), “Desabafo” (Elias José), “Primeiro baile” (Mirna Pinsky), “O grande despertar” e “Eu já tenho 13 anos!” (Içami Tiba), através de um momento que chamamos “momento da leitura”. Nós professoras circulávamos pela sala, o aluno que terminava de ler um texto, solicitava outro. Assim, cada aluno leu vários textos diferentes. Em seguida debatemos os textos, cada aluno precisava dar pelo menos uma contribuição durante o debate. A partir desse momento coletivo, pedimos que cada aluno fizesse uma produção textual (em forma de poema, prosa, narrativa...) sobre os conflitos vividos na adolescência, ficando a seu critério escrever sobre sua própria experiência ou sobre outra pessoa. À medida que os alunos concluía ou solicitavam ajuda, nós fazíamos as interferências necessárias. Os textos foram digitados e impressos em duas vias. No segundo momento de integração, cada aluno recebeu o seu texto, em duas vias, para que pudesse deixar no texto o seu toque pessoal, através de um desenho, colagem ou pintura, para que o mesmo fizesse parte de um material que foi encadernado, um livro para cada turma, sendo que os alunos puderam levar o livro para casa por um dia para ler o seu texto e os textos dos colegas. Foi um trabalho muito interessante, os alunos conseguiram expressar suas angústias, seus conflitos e se sentiram muito importantes porque suas produções resultaram num livro que, depois de visitar a casa de todos os colegas, foi doado para a biblioteca da escola.

No entanto, há limitações na abrangência da positividade destes resultados, o que se constitui uma sensação de frustração, pois percebo que os alunos demonstram resistência em relação a este tipo de trabalho, eles não têm o hábito de pesquisar (ler, interpretar, falar ou escrever o que entenderam), as bibliotecas em ambas as escolas têm sérias limitações de espaço e de recursos financeiros e humanos, praticamente não há momentos de planejamento coletivo, o que dificulta o trabalho em equipe e inviabiliza o trabalho pensado como integração de áreas de conhecimento, não há laboratório de informática, e de ciências, mesmo que na escola estadual há uma sala que não têm os materiais básicos, mas que chamamos de laboratório. Nas escolas e, em casa, poucos alunos têm acesso as novas tecnologias da informação e da comunicação, menos ainda, têm acesso à Internet. Ao mesmo tempo a frustração é fator motivacional, pois me faz refletir ainda mais e buscar novas estratégias pedagógicas para a minha sala de aula, e implementar novas propostas de trabalho. Esta mudança vai se tornando permanente, o que garante a continuidade deste trabalho e talvez, com o tempo, eu possa conquistar mais colegas para que, em conjunto, possam também se arriscar a participar da aventura de participar do desenvolvimento de novas práticas.

*VI ENCONTRO SOBRE INVESTIGAÇÃO NA ESCOLA*

## Refletindo sobre a prática pedagógica

**E-mail do autor:** marciat@arroionet.com.br

**Linha de trabalho:** Experiências curriculares

Neste relato descrevo ações pedagógicas desenvolvidas nas duas escolas em que trabalho, uma da Rede Municipal que envolve alunos dos anos finais do Ensino Fundamental na disciplina de Ciências, e outra da Rede Estadual com alunos do Ensino Médio, na disciplina de Biologia. Mesmo sendo ambas escolas públicas, suas realidades são diferentes. A Escola Municipal, estruturada a partir dos Ciclos de Formação, é situada em um bairro de periferia do Município de Lajeado, onde estudam alunos de classes média-baixa e baixa. Nessa escola o trabalho é realizado através de projetos, que são definidos pelos professores, quando percebem que há algo em relação à realidade do aluno que precisa ser trabalhado, explorado ou problematizado. A escola estadual, seriada, se situa no centro da cidade de Arroio do Meio e recebe alunos de várias localidades e de diferentes classes sociais. Nessa escola ainda há conteúdos pré-estabelecidos, que precisam ser trabalhados em cada série.

Neste contexto atuo como professora há seis anos. Ao longo desses anos procurei inovar, buscando alternativas didáticas para minha sala de aula com o objetivo de fazer o que fosse possível para que, de fato, acontecesse a aprendizagem dos alunos. Mesmo as escolas tendo propostas diferentes, sou uma só, com apenas uma postura, que é acreditar que o trabalho realmente válido é aquele que faz o jovem aprender para a vida, e não para decorar ou seguir listas de conteúdos. Sendo assim procuro desenvolver, estratégias de ensino diferenciadas que se alicerçam num trabalho desenvolvido a partir da realidade dos alunos, levando em conta seus interesses e dúvidas em relação ao tema em estudo, o que me exige pesquisa e atualização constante. Este trabalho se torna muito gratificante quando percebo o brilho nos olhos do aluno ao descobrir algo que é de seu interesse ou quando se vê um aluno tímido se destacar no trabalho de um grupo.

Não adoto uma metodologia única ou fixa, exploro diferentes formas de trabalho, dependendo do assunto em estudo e da aceitação ou das dificuldades dos alunos em relação a tal proposta. Ao iniciar um assunto novo, seja a partir de um projeto ou de um conteúdo pré-estabelecido, procuro fazer uma sondagem para verificar o que os alunos já sabem sobre o assunto e o que realmente querem aprender sobre o mesmo. Já nesse momento é comum que os alunos questionem: *“Se você é a professora, porque pergunta para nós? Você deve saber a resposta. Você deve saber o que vai ensinar, nós não sabemos”*, reforçando assim, que esta metodologia não é usada pela maioria dos demais professores. Em seguida, normalmente se faz necessário fazer um estudo mais amplo e teórico sobre o novo assunto, que procuro desenvolver de diferentes formas, como pela utilização em sala de aula de reportagens sobre o tema, exploração de textos em transparências que os alunos transcrevem para o caderno em forma de mapas conceituais depois de explorados oralmente, a partir de pesquisas de opinião ou sobre a abordagem desse assunto em outras épocas com pais, familiares, comunidade, a partir de leituras e debates em grupos, sempre incentivando a construção do conhecimento pelo aluno e mediada pelo professor, enfatizando a produção escrita em sala de aula. Em seguida, trabalho com pesquisa. Geralmente em grupos, os alunos escolhem uma curiosidade, um tema sobre o assunto em estudo para pesquisar e aprofundar. A pesquisa é feita sob a minha orientação, em aula. Muitas vezes a biblioteca da escola não dispõe de bibliografia suficiente ou atualizada

sobre o assunto escolhido pelos alunos. Nesse caso, trago material de casa, busco na Internet e levo para os alunos que não têm acesso a essa tecnologia. Em seguida, é feita a socialização dos resultados obtidos em aula. Também no momento de apresentar o trabalho, alguns alunos têm dificuldade em expor para os colegas, com suas palavras, o que aprenderam a partir da pesquisa. Através dessa estratégia metodológica, avalio o desempenho individual durante a pesquisa e no dia da apresentação, dispensando a entrega do trabalho escrito, que geralmente é cópia. Outra alternativa metodológica, desenvolvida recentemente numa turma da escola municipal, se constitui num trabalho multidisciplinar juntamente com a professora de português. Para encerrar um projeto “Sexualidade e Adolescência”, juntamos duas turmas paralelas da Etapa I do 3º Ciclo (que correspondem à 6ª série na escola seriada) em dois momentos diferentes. No primeiro momento (que durou uma manhã) exploramos diferentes textos que abordam os conflitos da adolescência, dentre eles “O primeiro pêlo” (Mário Donato), “Desabafo” (Elias José), “Primeiro baile” (Mirna Pinsky), “O grande despertar” e “Eu já tenho 13 anos!” (Içami Tiba), através de um momento que chamamos “momento da leitura”. Nós professoras circulávamos pela sala, o aluno que terminava de ler um texto, solicitava outro. Assim, cada aluno leu vários textos diferentes. Em seguida debatemos os textos, cada aluno precisava dar pelo menos uma contribuição durante o debate. A partir desse momento coletivo, pedimos que cada aluno fizesse uma produção textual (em forma de poema, prosa, narrativa...) sobre os conflitos vividos na adolescência, ficando a seu critério escrever sobre sua própria experiência ou sobre outra pessoa. À medida que os alunos concluíam ou solicitavam ajuda, nós fazíamos as interferências necessárias. Os textos foram digitados e impressos em duas vias. No segundo momento de integração, cada aluno recebeu o seu texto, em duas vias, para que pudesse deixar no texto o seu toque pessoal, através de um desenho, colagem ou pintura, para que o mesmo fizesse parte de um material que foi encadernado, um livro para cada turma, sendo que os alunos puderam levar o livro para casa por um dia para ler o seu texto e os textos dos colegas. Foi um trabalho muito interessante, os alunos conseguiram expressar suas angústias, seus conflitos e se sentiram muito importantes porque suas produções resultaram num livro que, depois de visitar a casa de todos os colegas, foi doado para a biblioteca da escola.

No entanto, há limitações na abrangência da positividade destes resultados, o que se constitui uma sensação de frustração, pois percebo que os alunos demonstram resistência em relação a este tipo de trabalho, eles não têm o hábito de pesquisar (ler, interpretar, falar ou escrever o que entenderam), as bibliotecas em ambas as escolas têm sérias limitações de espaço e de recursos financeiros e humanos, praticamente não há momentos de planejamento coletivo, o que dificulta o trabalho em equipe e inviabiliza o trabalho pensado como integração de áreas de conhecimento, não há laboratório de informática, e de ciências, mesmo que na escola estadual há uma sala que não têm os materiais básicos, mas que chamamos de laboratório. Nas escolas e, em casa, poucos alunos têm acesso as novas tecnologias da informação e da comunicação, menos ainda, têm acesso à Internet. Ao mesmo tempo a frustração é fator motivacional, pois me faz refletir ainda mais e buscar novas estratégias pedagógicas para a minha sala de aula, e implementar novas propostas de trabalho. Esta mudança vai se tornando permanente, o que garante a continuidade deste trabalho e talvez, com o tempo, eu possa conquistar mais colegas para que, em conjunto, possam também se arriscar a participar da aventura de participar do desenvolvimento de novas práticas.